



Grandes espaços vazios, falta de urbanização e de sintonia dos órgãos do GDF são alguns dos fatores que explicam o crescimento desordenado e a invasão de áreas públicas na Asa Norte

Asa Norte mistura modernidade e descaso

Ricardo Medeiros

A Asa Norte experimenta, desde o início dos anos 70, um processo de ocupação que mistura ingredientes de modernidade com falhas da administração pública, que não consegue colocar em prática medidas para evitar os problemas observados na Asa Sul. Na Asa Norte, os lotes das quadras comerciais passaram a ter quatro fachadas e houve melhor aproveitamento da W/3, com três blocos de prédios e espaço maior para estacionamento.

Estas inovações, contudo, terminaram contrastando com as propostas de melhorias por ineficácia da administração pública, que parece não acompanhar as sugestões de viabilidade urbanística concebidas pela iniciativa privada, como as novas concepções de prédios residenciais.

O estrangulamento da ocupação começou com os inovadores blocos das quadras de comércio local. O número de lojas aumentou, mas o de vagas para estacionamento se mostrou insuficiente. Na W/3 o comércio nas alas de trás deu origem a becos, onde surgiram verdadeiros mafuás. Em todas as quadras, 700 a leitura urbana é extremamente difícil — é necessário um ponto de referência específico para que determinado local seja encontrado — e a concepção arquitetônica passou a ser considerada crítica pelas próprias autoridades governamentais que não tiveram cuidado em fiscalizar o desordenado crescimento. Nas 700 está o crônico problema da instalação irregular das oficinas mecânicas, que merece um capítulo à parte na discussão (veja box).

"Sempre houve um desentendimento nos órgãos públicos quando o assunto é Asa Norte", admite o administrador do Plano Piloto, César Lacerda. Talvez esteja aí a explicação para o confuso crescimento da Asa Norte, onde bares surgem de maneira desmedida, invadindo espaços públicos e ensandecendo os moradores das quadras com altos decibéis de sonorização; casas tomam conta de áreas verdes comunitárias e ali instalam pomares e alguns barracos sobrevivem entre modernos edifícios residenciais. É neste cenário que a iniciativa privada está investindo, sobretudo no setor residencial, aproveitando os grandes espaços vazios ainda existentes e não se importando com a falta de urbanização.

Controle

Segundo a chefe do Departamento de Urbanismo da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Ivelise Pereira da Silva, as diretrizes do Plano Piloto estão sendo respeitadas pelas novas edificações, que mantêm os índices de áreas verdes entre as construções, gabaritos de seis ou quatro andares e os pilotis. Em setembro do ano passado, o

Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma) proibiu a construção de coberturas, mas algumas incorporações se aproveitaram de uma brecha aberta antes da proibição e anunciam prédios com coberturas na Asa Norte.

"As tipologias diferentes das edificações enriquecem a arquitetura e não agridem os princípios do Plano Piloto", observa Ivelise, salientando que quadras não edificadas — existem vazios nas quadras 212, 213, 214, 413 e 414, assim como na 311 — serão urbanizadas pelo governo do Distrito Federal (GDF) logo que nelas a iniciativa privada começar a investir. Na 107, porém, novos blocos residenciais estão completando a quadra e a urbanização é bastante precária. "Não adianta a iniciativa privada investir, o governo executar os serviços de urbanização e não existir fiscalização", salienta Lacerda.

Novamente, o administrador do Plano Piloto levanta um argumento que esclarece algumas contradições. A quadra comercial 309/10, por exemplo, pode ser apontada como indicador do sucesso da iniciativa privada. Ali estão padaria, farmácia, papelaria, açougue, butique, galeria de arte, locadora de vídeo, academia de ginástica, tapeçaria e bares. Tudo dentro dos modernos padrões que eram propostos para a Asa Norte. Já o espaço público atrás da parada de ônibus da W/3, que poderia ser estacionamento para a movimentada comercial, foi invadida e cercada por pequenos feirantes. Tudo por falta de fiscalização ou boas idéias urbanísticas. "Está parecendo um galinheiro", diz Lacerda, prometendo mandar ao local os fiscais da Administração do Plano Piloto.

Estas contradições causam, também, questionamentos na comunidade sobre a qualidade de vida na Asa Norte. "Urbanisticamente a Asa Norte está abandonada. Temos muito lixo espalhado nas quadras, calçamentos quebrados ou por executar. Em contrapartida, o comércio tem lojas mais modernas do que as da Asa Sul", diz Alberto Souza Fernandes, morador do bloco E da 712. No entender de Fátima Gomes que reside no bloco A da 210, o descuido com as áreas públicas até acarreta vantagens. "As áreas verdes da Asa Norte não são bem cuidadas e, por isso mesmo, não apresentam muito movimento. O comércio também é pouco movimentado", observa Fátima, que acha "mais humano" morar na Norte do que na Sul, mesmo com as deficiências. "A setorização de Brasília não deve ser tão rígida", ressalta o secretário de Desenvolvimento Urbano, Newton de Castro, criando mais abertura para o debate em torno das contradições da Asa Norte.